

Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis, de Jarid Arraes: uma proposta didática**Black Brazilian heroines in 15 cordel poems, by Jarid Arraes: a teaching proposal****Heroínas negras brasileñas en 15 cordeles, de Jarid Arraes: una propuesta didáctica**Dariana Paula Silva Gadelha¹Elen Karla Sousa da Silva²

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta didática fundamentada na obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes, destinada a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Com base em pesquisa bibliográfica, a sequência articula literatura de cordel, literatura negro-brasileira, letramento literário e letramento racial crítico. As atividades envolvem leitura, interpretação, discussão e produção textual, com o propósito de promover o conhecimento das trajetórias de mulheres negras historicamente invisibilizadas e estimular reflexões sobre memória, representatividade, identidade e racismo. Considera-se que o diálogo entre literatura, história e relações étnico-raciais pode contribuir para a formação de leitores críticos e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Letramento racial crítico; Literatura negro-brasileira.

Abstract: This article presents a teaching proposal based on the book *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, by Jarid Arraes, designed for ninth-grade students. Grounded in bibliographical research, the proposed sequence brings together cordel literature, Black Brazilian literature, literary literacy, and critical racial literacy. The activities include reading, interpretation, discussion, and textual production, aiming to introduce students to the trajectories of historically marginalized Black women and encourage reflections on memory, representation, identity, and racism. The article argues that the dialogue between literature, history, and ethnic-racial relations can contribute to the development of critical readers and pedagogical practices committed to valuing diversity.

Keywords: Cordel literature; Critical racial literacy; Black Brazilian literature.

Resumen: Este artículo presenta una propuesta didáctica basada en la obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes, destinada a estudiantes del noveno grado de la enseñanza fundamental. A partir de una investigación bibliográfica, la secuencia articula literatura de cordel, literatura negro-brasileña, alfabetización literaria y alfabetización racial crítica. Las actividades propuestas incluyen lectura, interpretación, debate y producción textual, con el propósito de dar a conocer las trayectorias de mujeres negras históricamente invisibilizadas y promover reflexiones sobre memoria, representación, identidad y racismo. Se considera que el diálogo entre literatura, historia y relaciones étnico-raciales puede contribuir a la formación de lectores críticos y al desarrollo de prácticas pedagógicas comprometidas con la valoración de la diversidad.

Palabras clave: Literatura de cordel; Alfabetización racial crítica; Literatura negro-brasileña.

Introdução

A literatura desempenha papel relevante na formação dos estudantes, pois possibilita o contato com diferentes experiências, culturas e perspectivas sobre a realidade. No ambiente

¹ Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil.

² Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil.

escolar, além de contribuir para o desenvolvimento da leitura e da interpretação, pode favorecer reflexões sobre questões sociais, entre elas as relações étnico-raciais e os processos históricos de invisibilização de determinados grupos.

Nesse contexto, a literatura negro-brasileira assume particular importância ao valorizar narrativas, memórias e experiências que permaneceram à margem dos discursos oficiais e do cânone literário. Sua presença na escola amplia o repertório dos estudantes, promove a representatividade de sujeitos negros e contribui para uma educação comprometida com o enfrentamento do racismo.

Entre as escritoras contemporâneas que atuam nesse campo, destaca-se Jarid Arraes, autora cearense cuja produção abrange cordéis, contos e romances marcados por reflexões sobre raça, gênero, memória e resistência. Em *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2020), a escritora recupera, por meio da linguagem poética do cordel, as trajetórias de mulheres negras que participaram da história do Brasil, mas permanecem pouco conhecidas nos espaços escolares. A obra apresenta figuras como Dandara dos Palmares, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, conferindo centralidade ao protagonismo feminino negro.

A abordagem dessas trajetórias atende também aos princípios da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. A leitura dos cordéis de Jarid Arraes permite articular literatura, história e relações étnico-raciais, favorecendo tanto o letramento literário quanto o letramento racial crítico.

Diante disso, este artigo tem como objetivo apresentar uma proposta didática baseada na leitura e na interpretação de textos da obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, destinada a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. A sequência contempla atividades de leitura, discussão e produção textual, buscando estimular a formação de leitores críticos e promover reflexões sobre memória, identidade, representatividade e enfrentamento do racismo no contexto escolar.

O cordel como prática literária e cultural

A literatura de cordel constitui uma manifestação significativa da cultura popular brasileira, especialmente da região Nordeste. Caracterizada pela composição em versos, pelo uso de rimas e pela estreita relação com a oralidade, essa produção aborda temas diversos, como acontecimentos cotidianos, narrativas históricas, questões políticas, manifestações religiosas e histórias ficcionais. Sua circulação em folhetos, tradicionalmente expostos em feiras e

mercados, também evidencia a relação do gênero com formas populares de produção e difusão da cultura escrita.

Abreu (2006, p. 104) destaca os vínculos entre os folhetos nordestinos e a tradição oral ao afirmar que “os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos”. Essa articulação entre escrita e oralidade favoreceu a circulação de saberes, memórias e experiências entre diferentes gerações. O cordel não deve, portanto, ser compreendido apenas como uma estrutura de versos e rimas, mas como uma prática literária vinculada às condições históricas e culturais de seus autores e leitores.

Ao refletir sobre a permanência do gênero, Haurélio (2013, p. 8) afirma que “o cordel, felizmente, não morreu. E ressurgiu forte, na última década do século XX”. Sua inserção em novos espaços de leitura, entre eles a escola, demonstra a capacidade de adaptação dessa manifestação cultural. Embora preserve características tradicionais, o cordel passou a abordar questões contemporâneas e a alcançar públicos diversos, inclusive crianças e jovens.

No ensino de literatura, o gênero favorece experiências que articulam leitura silenciosa, recitação, interpretação e produção escrita. O ritmo, a musicalidade e as rimas podem contribuir para a aproximação inicial dos estudantes com o texto literário, sem que essa acessibilidade implique a simplificação de seus temas. Ao contrário, os cordéis podem problematizar acontecimentos históricos, desigualdades sociais, preconceitos e formas de resistência.

Essa perspectiva relaciona-se à compreensão da literatura como direito e instrumento de humanização. Para Candido (2011, p. 182), a literatura confirma nos sujeitos características essenciais, como “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções e a capacidade de penetrar nos problemas da vida”. A leitura literária possibilita, assim, não apenas a aprendizagem de elementos formais, mas também o contato com experiências distintas daquelas vividas pelo leitor.

A obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* insere-se no processo de renovação temática do gênero. Jarid Arraes utiliza a forma poética do cordel para narrar trajetórias de mulheres negras cujas atuações foram frequentemente ignoradas ou minimizadas pela história oficial. Ao reunir forma literária popular e recuperação da memória negra, a autora mobiliza o gênero como espaço de conhecimento, representação e resistência.

Literatura negro-brasileira, memória e representatividade

A literatura negro-brasileira participa da construção de narrativas que questionam os processos de exclusão e invisibilização da população negra. Sua presença nos espaços educativos permite que os estudantes entrem em contato com perspectivas, personagens e experiências que nem sempre recebem atenção nos materiais didáticos e nas seleções tradicionais de obras literárias.

Duarte (2020, p. 9) defende a importância de “apresentar às nossas crianças e jovens o segmento afro presente na vasta constelação de escritos que compõem a literatura brasileira em sua diversidade”. Essa inserção não se limita à ampliação quantitativa do repertório. Ela exige o reconhecimento da autoria negra, das experiências representadas e das estratégias estéticas por meio das quais os escritores intervêm no campo literário e na construção da memória social.

Durante muito tempo, sujeitos negros foram representados na literatura brasileira de maneira estereotipada, subordinada ou secundária. Em outros casos, suas histórias foram narradas a partir de perspectivas externas às suas experiências. A valorização de autoras, autores e personagens negros permite questionar esses modelos de representação e reconhecer a pluralidade que constitui a literatura brasileira.

Ao discutir a produção de conhecimentos por grupos historicamente marginalizados, Gomes (2017, p. 16) ressalta que “os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos”. Essa perspectiva permite compreender que o conhecimento não se restringe aos espaços tradicionalmente legitimados. As experiências, as memórias e as produções culturais da população negra também constituem formas de elaboração do saber e de interpretação da realidade.

Quando se trata das mulheres negras, os processos de apagamento estão associados tanto ao racismo quanto ao sexismo. Recuperar suas trajetórias significa reconhecer sua atuação na literatura, na política, nas lutas sociais, na educação e em diferentes momentos da formação histórica do país. Ao narrar as histórias de Dandara dos Palmares, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes oferece aos leitores outras referências de protagonismo feminino negro.

A proposta da obra também pode ser aproximada da *escrevivência*, conceito formulado por Conceição Evaristo a partir das relações entre escrita, experiência individual, memória e coletividade. Evaristo (2020, p. 30) afirma que “a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. A escrita assume, nessa perspectiva,

uma função de confronto com as narrativas que silenciam sujeitos negros ou os submetem a imagens construídas pela lógica colonial.

Embora os cordéis de Jarid Arraes sejam composições biográficas e não se confundam com a escrevivência de Conceição Evaristo, as duas produções se aproximam no compromisso com o registro de experiências negras e com a contestação de apagamentos históricos. A leitura dessas narrativas em sala de aula pode levar os estudantes a refletir sobre quem aparece nos relatos oficiais, quem foi excluído deles e quais consequências esses processos produzem na construção das identidades.

Letramento literário e letramento racial crítico

O letramento literário ultrapassa a identificação de características formais ou a utilização da obra como pretexto para o ensino de conteúdos gramaticais. Conforme afirma Cosson (2024, p. 172), trata-se de um “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Nessa perspectiva, a leitura pressupõe a participação ativa do leitor, que mobiliza conhecimentos, experiências e sensibilidades durante a interpretação do texto.

Esse processo não se limita ao espaço escolar. Cosson (2024, p. 172) ressalta que “o letramento literário não começa e nem termina na escola, mas pode e deve ser ampliado e aprimorado por ela”. A instituição escolar ocupa, portanto, papel relevante ao promover o contato sistemático com as obras, a partilha de interpretações e a inserção dos estudantes em uma comunidade de leitores.

No trabalho com o cordel, o letramento literário pode ser desenvolvido mediante a observação das relações entre forma e conteúdo. O reconhecimento dos versos, das estrofes, das rimas, do ritmo e da oralidade deve estar associado à compreensão das escolhas realizadas pela autora e dos efeitos produzidos no leitor. Na obra de Jarid Arraes, interessa observar como esses recursos são empregados para narrar trajetórias, construir imagens de resistência e comunicar acontecimentos históricos.

O letramento racial crítico, por sua vez, corresponde à capacidade de reconhecer, interpretar e problematizar a presença do racismo nas relações sociais. Ferreira (2015, p. 138) afirma que o “letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas”. A abordagem permite compreender que o racismo não se restringe a atitudes individuais de preconceito, pois

também participa da organização das instituições, da distribuição de oportunidades, da produção dos conhecimentos e da construção das representações sociais.

Ao discutir a Teoria Racial Crítica, Ferreira (2014, p. 243) parte do entendimento de que “raça e racismo são endêmicos e permanentes na sociedade”. A autora também considera que o racismo se relaciona a outras formas de subordinação vinculadas ao gênero, à classe, à cultura e à linguagem. Essa perspectiva torna-se especialmente relevante para a leitura dos cordéis de Jarid Arraes, uma vez que as mulheres retratadas na obra enfrentaram processos de exclusão e invisibilização produzidos pela articulação entre racismo e sexismo.

Outro princípio destacado por Ferreira (2014, p. 243) é a centralidade do conhecimento experiencial. Segundo a autora, “o conhecimento empírico das pessoas de cor” deve ser reconhecido como “credível, altamente valioso e imprescindível para a compreensão, a análise e o ensino sobre a subordinação racial em todas as suas facetas”. Ao recuperar as trajetórias de mulheres negras, a obra de Jarid Arraes valoriza experiências historicamente silenciadas e contribui para a construção de outras formas de conhecimento sobre a história e a cultura brasileiras.

A leitura de *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* possibilita, assim, articular o letramento literário e o letramento racial crítico. Enquanto observam a construção estética dos textos, os estudantes podem discutir os mecanismos de invisibilização das personagens, as formas de resistência apresentadas e as relações entre as experiências narradas e a sociedade contemporânea. Nesse processo, imagens e textos podem promover, conforme Ferreira (2012, p. 193), “uma leitura que possibilita a formação de cidadãos críticos”.

Essa articulação está de acordo com a Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. A efetivação da legislação depende de práticas que ultrapassem abordagens pontuais ou comemorativas e incorporem as produções culturais negras à formação dos estudantes.

O trabalho com a obra de Jarid Arraes pode contribuir para esse propósito ao promover o contato com uma autora negra contemporânea, valorizar a literatura de cordel e apresentar mulheres negras como sujeitos históricos. A proposta não se restringe à transmissão de informações sobre as personagens, pois busca criar condições para que os estudantes interpretem criticamente os textos, relacionem literatura e sociedade e produzam suas próprias narrativas.

Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como pesquisa bibliográfica e aplicada. A fundamentação teórica reúne estudos sobre literatura de cordel, literatura negro-brasileira, letramento literário e letramento racial crítico. A dimensão aplicada corresponde à elaboração de uma sequência didática baseada na obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes.

A proposta, intitulada “Quem são elas? A literatura de cordel conta a história de mulheres negras”, destina-se a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e foi planejada para três horas-aula de aproximadamente cinquenta minutos. Seu objetivo geral é promover o letramento literário e o letramento racial crítico por meio da leitura, da interpretação e da produção de cordéis.

Como objetivos específicos, pretende-se apresentar as características do gênero, promover o conhecimento das trajetórias de mulheres negras brasileiras, discutir processos de silenciamento histórico e estimular a produção literária dos estudantes. A sequência está organizada em três etapas: sensibilização e apresentação do gênero e da obra; leitura e interpretação dos cordéis; e produção textual.

As atividades privilegiam a leitura compartilhada, a roda de conversa, a interpretação coletiva e a escrita criativa. Embora organizadas em três horas-aula, as etapas podem ser ampliadas conforme o número de estudantes, o ritmo da turma e as condições de realização da atividade final.

A proposta didática

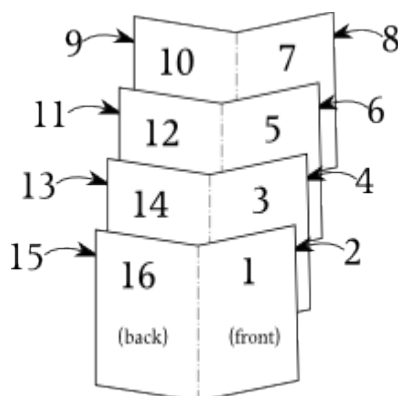
A sequência foi planejada para valorizar os conhecimentos prévios dos estudantes e promover sua participação durante a leitura e a discussão dos textos. As três etapas articulam a aprendizagem de elementos do gênero cordel, o conhecimento das personagens apresentadas por Jarid Arraes e a reflexão sobre memória, representatividade e racismo.

Primeira etapa: sensibilização e apresentação do cordel e da obra

Na primeira hora-aula, o professor iniciará uma roda de conversa para identificar as experiências da turma com a literatura de cordel. Poderá apresentar um exemplar ou uma imagem de folhetos e propor questões como: “Vocês já leram ou ouviram um cordel?”, “Que

características chamam a atenção nesse tipo de publicação?” e “Que temas podem ser abordados por um cordel?”.

Figura 1: Esquema de dobradura para produção de um fanzine



Fonte: La Aventura de Aprender³ (2023, p. 18).

Embora o esquema represente a confecção de um fanzine, a técnica de dobradura poderá ser adaptada à produção dos cordéis pelos estudantes na atividade final. A atividade permitirá reconhecer os conhecimentos prévios da turma e introduzir aspectos relacionados à circulação dos folhetos, à oralidade e à cultura popular. Em seguida, o professor apresentará brevemente a origem e as principais características do gênero, destacando a organização em versos e estrofes, o emprego de rimas, o ritmo, a recitação e a diversidade temática.

Para favorecer a percepção da musicalidade, poderá ser realizada a leitura em voz alta de um cordel curto escolhido pelo professor. Durante a leitura, os estudantes serão orientados a observar as repetições sonoras, a organização das estrofes e os efeitos produzidos pelo ritmo.

Na segunda parte da aula, o professor apresentará Jarid Arraes e sua obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. Antes de fornecer informações biográficas, o professor poderá perguntar se a turma conhece a autora e quais escritoras negras brasileiras consegue citar. Também poderá questionar quais mulheres negras aparecem nos livros de História e de Literatura utilizados na escola.

Após ouvir as respostas, o professor explicará que Jarid Arraes é escritora, cordelista e autora de obras que abordam questões relacionadas a raça, gênero, memória e resistência. Em *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, ela reúne as trajetórias de quinze mulheres negras que participaram da história do país, entre elas Aqualtune, Antonieta de Barros, Carolina Maria

³ Cómo hacer un fanzine. EducaLAB, p. 18, 2023. Disponível em: https://laaventuradeaprender.intef.es/wp-content/uploads/2023/06/Guia-LADA_Como-hacer-un-fanzine.pdf. Acesso em: 25 ago. 2026.

de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Na Agontimé e Tereza de Benguela.

Figura 2: Jarid Arraes e a obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*



Fonte: Arraes (2025).

O professor apresentará o livro e convidará os estudantes a observar o título, a capa, as ilustrações e os nomes das personagens. As respostas da turma poderão orientar uma breve discussão sobre a presença ou a ausência dessas mulheres nos materiais escolares.

Ao final da etapa, espera-se que os estudantes reconheçam o cordel como manifestação literária e cultural, identifiquem algumas de suas características e compreendam a proposta geral da obra de Jarid Arraes.

Segunda etapa: leitura e interpretação dos cordéis

Na segunda hora-aula, o professor selecionará três cordéis da obra, considerando os interesses da turma e a possibilidade de estabelecer relações entre as trajetórias apresentadas. Podem ser escolhidos, por exemplo, os textos dedicados a Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis e Maria Felipa, por permitirem discutir literatura, educação, resistência e atuação política.

Os estudantes serão divididos em três grupos, e cada grupo receberá um dos textos. Inicialmente, será realizada uma leitura silenciosa, para que os leitores estabeleçam contato individual com o cordel. Depois, os integrantes poderão organizar uma leitura compartilhada em voz alta, observando o ritmo, as rimas e a entonação.

Cada grupo discutirá o texto com base em um roteiro composto pelas seguintes questões: (1) Quem é a mulher retratada no cordel?; (2) Quais acontecimentos de sua trajetória aparecem no texto?; (3) Que dificuldades ou formas de opressão ela enfrentou?; (4) De que maneira reagiu a essas circunstâncias?; (5) Quais características do cordel podem ser identificadas?; (6) Que versos chamaram mais a atenção do grupo e por quê?; (7) A personagem era conhecida pelos integrantes antes da leitura?; (8) Por que sua história deve ser estudada?

As perguntas combinam a interpretação da narrativa, a análise dos elementos formais e a reflexão sobre os processos de apagamento. O professor acompanhará os grupos, auxiliará na compreensão de vocábulos ou referências históricas e incentivará a retomada dos versos para justificar as respostas.

Após a discussão, cada grupo apresentará brevemente a personagem estudada, indicando quem foi essa mulher, qual foi sua contribuição histórica e quais aspectos do cordel se destacaram durante a leitura. Enquanto os grupos realizam as apresentações, o professor registrará no quadro palavras relacionadas às trajetórias analisadas, como resistência, memória, escrita, liberdade, educação, luta e representatividade. Essa socialização permitirá comparar as experiências narradas, identificar diferenças entre os contextos históricos das personagens e discutir porque algumas figuras recebem amplo reconhecimento, enquanto outras permanecem pouco conhecidas.

Nesse momento, o professor poderá retomar a noção de silenciamento histórico e questionar quais fatores contribuíram para a ausência das mulheres negras em determinados relatos sobre a formação do país. A discussão deverá considerar a articulação entre racismo e sexismo, destacando como esses sistemas de opressão interferem na seleção das pessoas, das experiências e dos acontecimentos considerados dignos de registro e reconhecimento. Desse modo, evita-se responsabilizar as próprias personagens por sua invisibilização e evidencia-se o caráter histórico e social dos processos de apagamento.

A atividade pode ainda estabelecer relações entre os cordéis e situações contemporâneas. Os estudantes poderão refletir sobre a representatividade de mulheres negras nos livros, na televisão, no cinema, na política, na ciência e na literatura. O objetivo não é afastar a leitura do texto, mas demonstrar como a obra literária pode provocar perguntas sobre as formas de representação existentes na sociedade.

A centralidade das experiências narradas aproxima a atividade da perspectiva do letramento racial crítico. Conforme Ferreira (2014), as narrativas e contranarrativas permitem compreender como as identidades raciais são construídas e como determinados grupos

respondem aos processos de subordinação. Ao apresentar mulheres negras como protagonistas, os cordéis confrontam imagens de passividade e conferem visibilidade às suas ações.

Ao final da segunda etapa, espera-se que os estudantes sejam capazes de interpretar os textos, reconhecer as características formais e temáticas do cordel, compreender as contribuições históricas das mulheres retratadas e analisar criticamente os mecanismos de silenciamento que contribuíram para o apagamento de suas trajetórias.

Terceira etapa: produção de cordéis

Na terceira hora-aula, os estudantes produzirão um cordel inspirado nas leituras e nas discussões anteriores. A atividade busca consolidar os conhecimentos sobre o gênero e criar um espaço de expressão autoral.

A produção poderá ser realizada individualmente ou em duplas. Cada estudante ou dupla escolherá uma mulher negra cuja trajetória considere relevante. A personagem poderá ser uma figura histórica, uma escritora, artista, pesquisadora, liderança comunitária ou uma mulher do convívio do estudante, desde que sua escolha seja acompanhada de uma justificativa respeitosa.

Antes da escrita, o professor retomará a organização básica do cordel: título, composição em versos, divisão em estrofes, presença de rimas e desenvolvimento de uma narrativa ou reflexão. Considerando o tempo disponível e a faixa etária, será solicitada a produção de, no mínimo, três estrofes. A regularidade métrica poderá ser incentivada, mas não deverá impedir a participação daqueles que ainda estão desenvolvendo essa habilidade.

O planejamento do texto poderá ser orientado pelas seguintes perguntas: (1) Quem será homenageada?; (2) Quais aspectos de sua trajetória serão apresentados?; (3) Que contribuição ou qualidade será destacada?; (4) Que mensagem o cordel pretende comunicar ao leitor?; (5) Quais palavras podem ser utilizadas para construir as rimas?

Após o planejamento, os estudantes elaborarão a primeira versão do cordel. Durante essa etapa, o professor acompanhará o processo de escrita, auxiliando na organização das ideias, na seleção das informações sobre a mulher homenageada, na escolha das palavras e na construção das rimas. Em seguida, as produções serão compartilhadas entre os colegas para uma leitura colaborativa, na qual deverão observar se a trajetória apresentada está compreensível, se a homenagem foi construída de maneira respeitosa e se o texto apresenta as principais características do gênero.

Com base nas observações recebidas, os estudantes revisarão seus textos e elaborarão a versão final. Os cordéis poderão ser escritos em folhas dobradas no formato de folheto e ilustrados pelos próprios autores. Caso a escola disponha dos recursos necessários, as produções também poderão ser digitadas, organizadas em uma coletânea da turma e posteriormente compartilhadas em uma roda de leitura ou exposição escolar.

Ao assumir o papel de autores, os estudantes deixam de ocupar apenas a posição de receptores e passam a mobilizar experiências, memórias e repertórios para produzir sentidos. A atividade aproxima-se da concepção de Cosson (2021, p. 23), para quem é necessário superar uma visão meramente conteudista do ensino e proporcionar ao estudante “uma experiência de leitura a ser compartilhada”.

A escolha de mulheres da comunidade também permite reconhecer experiências próximas como formas legítimas de conhecimento. Essa possibilidade dialoga com a centralidade do conhecimento experiencial discutida por Ferreira (2014), sem estabelecer uma equivalência automática entre todas as trajetórias. O professor deverá orientar a produção para que as homenagens não reproduzam estereótipos relacionados à raça, gênero ou condição social.

Ao final da atividade, será organizada uma roda de leitura, na qual os estudantes poderão recitar seus cordéis e compartilhar as escolhas realizadas durante o processo de criação. As produções também poderão compor uma exposição na escola ou integrar uma coletânea da turma, desde que sua divulgação seja autorizada pelos estudantes e, quando necessário, pelas pessoas homenageadas. Desse modo, a atividade contribuirá para o desenvolvimento da escrita, da criatividade, da oralidade e da autoria, além de consolidar as reflexões construídas ao longo da sequência sobre memória, representatividade e valorização das experiências de mulheres negras.

Recursos didáticos

Para a realização da sequência, serão utilizados exemplares de *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, textos impressos, quadro, projetor multimídia, imagens de folhetos e materiais para escrita e ilustração, como papel, lápis, canetas e lápis de cor. Os recursos poderão ser adaptados às condições da escola.

Avaliação

A avaliação ocorrerá de forma processual durante as três etapas. Serão considerados a participação nas rodas de conversa, o envolvimento nas leituras, a capacidade de interpretar os cordéis, o respeito às opiniões dos colegas e a articulação entre as narrativas e as discussões sobre memória, representatividade e racismo.

Na produção final, serão observados o atendimento à proposta, a organização em versos e estrofes, o emprego de rimas, a coerência da homenagem, a criatividade e a adequação da linguagem. A métrica não será utilizada como critério eliminatório, pois o objetivo é promover a experimentação do gênero e acompanhar o desenvolvimento dos estudantes.

A avaliação deverá valorizar o percurso de aprendizagem e fornecer orientações para a revisão das produções. Mais do que atribuir uma nota, pretende-se verificar como os estudantes se apropriam dos textos, constroem argumentos e reconhecem a contribuição das mulheres negras para a história e a cultura brasileiras.

Considerações finais

Este artigo apresentou uma proposta didática fundamentada na obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes, com o objetivo de articular literatura de cordel, letramento literário e letramento racial crítico no 9º ano do Ensino Fundamental.

A escolha da obra possibilita trabalhar os elementos formais do gênero sem separar a leitura de suas dimensões históricas e sociais. Ao conhecer as trajetórias de mulheres como Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Maria Felipa e Maria Firmina dos Reis, os estudantes podem ampliar seu repertório e problematizar os mecanismos que produziram a invisibilização de sujeitos negros, especialmente das mulheres.

A sequência organiza momentos de sensibilização, leitura, interpretação e produção textual. Essas atividades procuram valorizar a participação dos estudantes e compreender a formação do leitor como processo de construção e compartilhamento de sentidos. A elaboração de cordéis permite que os conhecimentos desenvolvidos durante a leitura sejam mobilizados em uma experiência de autoria.

A proposta também se relaciona às orientações da Lei nº 10.639/2003 ao inserir a história e a cultura afro-brasileira no ensino de literatura. Sua efetivação, contudo, depende de

mediação docente cuidadosa, formação adequada e atenção para que as discussões não sejam reduzidas a abordagens pontuais ou estereotipadas.

Considera-se, por fim, que o trabalho com os cordéis de Jarid Arraes pode contribuir para a formação de leitores capazes de reconhecer a pluralidade de vozes que constitui a literatura brasileira. Ao aproximar memória, experiência estética e reflexão crítica, a obra oferece possibilidades para práticas pedagógicas comprometidas com o enfrentamento do racismo e com a valorização da diversidade.

Referências

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. 2. ed. São Paulo: Seguinte, 2020.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 25 ago. 2026.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171–193.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2024.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Dois livros irmãos. In: DUARTE, E. A. (coord.). **Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020, p. 9–10.
- EVARISTO, Conceição. A escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27–47.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades sociais, letramento visual e letramento crítico: imagens na mídia acerca de raça/etnia. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 51, n. 1, p. 193–215, jan./jun. 2012.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, [S. l.], v. 6, n. 14, p. 236–263, 2014. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/141/138>. Acesso em: 25 ago. 2026.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

Sobre as autoras

Dariana Paula Silva Gadelha: Mestra e doutora em Letras, na área de concentração em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É professora adjunta do curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

E-mail: dariana.gadelha@yahoo.com.br

Elen Karla Sousa da Silva: Doutora em Letras, na área de Estudos da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professora adjunta da Faculdade de Letras (FLET) e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

E-mail: elen.silva@ufam.edu.br

Recebido em: 25 ago. 2026

Aprovado em: 20 set. 2026